



***PEDAGOGIAS DOS ARTEFATOS CULTURAIS NA CONSTITUIÇÃO DE
JUVENTUDES, GÊNERO E SEXUALIDADE***

***PEDAGOGÍAS DE ARTEFACTOS CULTURALES EN LA
CONSTITUCIÓN DE LA JUVENTUD, GÉNERO Y SEXUALIDAD***

***PEDAGOGIES OF CULTURAL ARTIFACTS IN THE CONSTITUTION OF
YOUTH, GENDER AND SEXUALITY***



Raquel Guimarães Lins¹

Roney Polato de Castro²

RESUMO

O artigo apresenta algumas das problematizações construídas em uma pesquisa de doutorado em educação, cujo foco esteve nos processos de constituição de juventudes, relações de gênero e sexualidades, entendidos enquanto processos educativos. As inquietações que conduziram à investigação se produziram com processos experienciados por meio da escola e dos artefatos culturais. As/os participantes foram estudantes de turmas de Ensino Médio integrado em uma escola de educação profissional e tecnológica, situada na Zona da Mata mineira. Neste artigo, apresentamos uma discussão voltada para a realização do projeto de extensão Juventudes e Diversidade em Foco, uma das estratégias de pesquisa, com especial atenção aos processos de constituição de juventudes instaurados na relação com filmes e séries indicados pelas/os participantes do projeto. Selecionamos um dos tópicos de discussão gerados com a realização do projeto: as questões envolvendo amor e paixão, a partir do filme 'Para todos os garotos que já amei'.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes. Pedagogias culturais. Extensão. Amor.

¹ Doutora em Educação. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – *campus* Santos Dumont.

² Doutor em Educação. Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora – Minas Gerais.

RESUMEN

El artículo presenta algunas de las problematizaciones construidas en una investigación doctoral en educación, cuyo foco estuvo en los procesos de constitución de la juventud, las relaciones de género y las sexualidades, entendidas como procesos educativos. Las inquietudes que motivaron la investigación se produjeron con procesos vividos a través de la escuela y los artefactos culturales. Los participantes fueron estudiantes de cursos de secundaria integrados en una escuela de educación profesional y tecnológica, ubicada en la Zona da Mata de Minas Gerais. En este artículo presentamos una discusión centrada en la realización del proyecto de extensión Juventud y Diversidad en Foco, una de las estrategias de investigación, con especial atención a los procesos de constitución de la juventud establecidos en relación a películas y series indicadas por los participantes del proyecto. Seleccionamos uno de los temas de discusión que generó la realización del proyecto: temas de amor y pasión, basado en la película ‘A todos los chicos de los que me enamoré’.

PALABRAS-CLAVE: Jóvenes. Pedagogías culturales. Extensión. Amor.

ABSTRACT

The article presents some of the problematizations constructed in a doctoral research in education, whose focus was on the processes of constituting youth, gender relations and sexualities, understood as educational processes. The concerns that led to the investigation were produced with processes experienced through the school and cultural artifacts. The participants were students from high school classes integrated into a professional and technological education school, located in the Zona da Mata of Minas Gerais. In this article, we present a discussion focused on carrying out the Youth and Diversity in Focus extension project, one of the research strategies, with special attention to the processes of constituting youth established in relation to films and series indicated by the project participants. We selected one of the discussion topics generated by carrying out the project: issues involving love and passion, based on the film ‘To All the Boys I’ve Loved Before’.

KEYWORDS: Youths. Cultural pedagogies. Extension. Love.

* * *

Considerações iniciais: situando o contexto de produção e as ferramentas conceituais

Este artigo se desdobra das problematizações construídas a partir de uma pesquisa³ de doutorado em educação, cujo foco se estabeleceu sobre os processos de constituição de juventudes, relações de gênero e sexualidades, entendidos enquanto processos educativos. Em especial, as inquietações que conduziram à investigação se produzem com processos experienciados por meio da escola e dos artefatos culturais, sob a perspectiva de uma professora-pesquisadora que atua com a disciplina de Educação Física

³ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da universidade à qual se vinculou a realização da pesquisa de doutorado em educação (Parecer número 4.373.490).

em turmas de Ensino Médio integrado em uma escola de educação profissional e tecnológica, situada na Zona da Mata mineira.

Uma pesquisa é um modo de lidar com inquietações que se produzem na relação com o mundo e com as realidades vividas por sujeitos. Isso nos conduz a pensar na escola como um espaço-tempo de produção de múltiplas inquietações, a partir dos modos como cada sujeito que pesquisa se afeta e constrói olhares para os processos educativos ali experienciados. Argumentamos, assim, que a pesquisa da qual se desdobra este artigo foi construída a partir da experiência de uma professora com a escola, sobretudo a partir dos modos como a professora passou a incomodar-se com situações observadas e vividas.

Pensar nos incômodos como disparadores de processos de investigação é problematizar processos constitutivos, a partir dos quais os sujeitos se tornam o que são, em meio a saberes e relações de poder. A pesquisa sobre a qual nos debruçamos vai se construindo em meio a situações observadas/experienciadas pela professora junto à escola e às/aos estudantes, em diferentes contextos, envolvendo as aulas de Educação Física, o uso da quadra, as competições de jogos escolares, as apresentações elaboradas pelas/os estudantes para festivais de ginástica, os movimentos das estudantes para resistir ao machismo, ao assédio e às regras arbitrárias impostas a elas pela escola quanto ao uso dos uniformes e outras formas de controle e violência dos corpos.

Outro aspecto que inquietou a professora foram as relações construídas pelas/os estudantes com os artefatos culturais – produtos atravessados por valores e saberes culturais que anunciam modos de existir e de ocupar distintos lugares sociais, interpelando os sujeitos a constituírem-se em meio a relações de aceitação, disputa e negociação com as pedagogias que colocam em funcionamento. Importante ressaltar que as experiências que compõem a pesquisa são marcadas pelas desigualdades de gênero e sexualidade que criaram movimentos de resistências entre as/os estudantes, tensionando relações de poder instituídas.

No cotidiano escolar, pela quadra, nos corredores e salas de aula, a pesquisa produziu um olhar atento e sensível aos modos de experienciar juventudes. Cabelos alvoroçados, rostos pintados, camisetas ao estilo *rock in roll*, o som das músicas de *hip hop*, os eventos de *cosplay* e caça aos *Pokémon*: inúmeros componentes atravessam e se cruzam nos espaços escolares, estando implicados na produção de experiências de juventude, de gênero e de sexualidade. Tais elementos perpassam disputas e negociações com as normas sociais adotadas pela escola, pautadas na heteronormatividade, ou seja, a perspectiva de que sujeitos normais, sadios e felizes se produzem a partir de um modelo

de existência heterossexual, pautado em sentidos fixos de experiência no campo da sexualidade, do amor, do casamento, da família, da monogamia, entre outros.

A multiplicidade de vínculos e processos de autorreconhecimento que compõem as juventudes esbarram nas práticas regulatórias que insistem em atuar na produção de posições fixas de sujeito – ‘aluno’, ‘homem’, ‘mulher’, ‘jovem’, ‘heterossexual’ – entre tantas outras. A escola, desse modo, nos exige o olhar atento a esses modos de constituição dos sujeitos, associados à cultura, às relações sociais e ao momento histórico ao qual se vinculam. Sobretudo, um olhar que visa construir elementos de problematização dos discursos universalizantes, tomados como verdades absolutas para a formação de estudantes, e das relações de poder que fazem funcionar esses discursos.

Considerando-se o exposto, a pesquisa se concentrou tanto na observação e vivência, junto a jovens estudantes, dos seus processos de constituição enquanto sujeitos de gênero e de sexualidade na escola, quanto na análise das relações estabelecidas com artefatos culturais para pensar esses mesmos marcadores sociais. Para esse segundo aspecto, considerando a produtividade das investigações atuais sobre a incisiva presença dos artefatos, em especial das imagens e do audiovisual, no cotidiano de jovens, foi organizado um projeto de extensão, intitulado ‘Juventudes e Diversidade em Foco’, com formato de Cine-debate e Roda de conversa, contando com onze encontros realizados no período de novembro de 2020 a fevereiro de 2021, tendo acontecido no formato on-line, em função do isolamento social imposto pela pandemia do Covid-19. A roda de conversa on-line como estratégia metodológica possibilitou compartilhar experiências e reflexões na interação com os pares (Moura; Lima, 2014) acerca de questões envolvendo as relações de gênero e as sexualidades e como as/os estudantes se colocavam diante dessas questões na constituição de si mesmas/os.

No emaranhado de possibilidades que se anunciam para investigar e acompanhar processos de constituição de jovens, em articulação com marcadores sociais como gênero e sexualidade, consideramos relevante situar os modos como vimos acionando as categorias ‘jovem’ e ‘juventude’, tendo em vista sua centralidade para a produção da pesquisa. A constelação discursiva da qual a pesquisa passa a fazer parte, disputando sentidos, requer um olhar mais atento ao uso dos conceitos que frequentemente se fazem presentes nos documentos escolares, nas mídias, nos textos legais e nas políticas públicas. Nesse sentido, o debate perpassa ‘adolescência/adolescente’ e ‘jovem/juventude’ como categorias que ora aparecem como sinônimos, que homogeneízam experiências, ora são utilizadas para se referir a perspectivas distintas.

Assim, optamos pela utilização do conceito de juventude, como mais abrangente e dinâmico, entendendo que os sujeitos jovens podem se constituir a partir de diferentes vinculações e trajetórias culturais e sociais, considerando as relações estabelecidas com distintos contextos e territorialidades, as quais estão em constante transformação (Dayrell; Carrano, 2014). Com isso, ressaltamos a multiplicidade de experiências implicadas nas experiências de jovens em suas juventudes, na contramão de perspectivas que tomam tais sujeitos a partir de uma determinação essencialmente biológica ou social universal/totalizante. Tal aposta conceitual diz do questionamento ao uso habitual do termo ‘adolescência’, marcado como uma ‘etapa da vida’ em que determinadas atitudes e comportamentos lhes seriam próprias, condicionadas por elementos psico-biológicos do desenvolvimento humano, universalizando e normatizando essa ‘etapa’ (Coimbra; Bocco; Nascimento, 2005).

Acionamos juventudes como experiências plurais, radicalmente atreladas a contextos culturais, sociais e históricos e suas transformações. Os mesmos argumentos são acionados para pensar as experiências de gênero e de sexualidade, compondo atravessamentos que perpassam aspectos gerais das vivências de masculinidades, feminilidades, não-binaridades de gênero, heterossexualidades, bissexualidades, homossexualidades, entre outras identificações de gênero e sexualidade. Com isso, nos aproximamos das perspectivas dos estudos culturais de viés pós-estruturalista e dos estudos foucaultianos, que envolvem problematizar as normatividades e os sentidos de verdade implicados nas concepções naturalizadas das distintas experiências humanas. Tais experiências podem ser analisadas como historicamente situadas, construídas a partir de parâmetros normativos específicos que operam com a generalização de elementos próprios, como no caso da juventude, das relações de gênero e das sexualidades. No entanto, essas perspectivas nos possibilitam colocar sob suspeita quaisquer ideias universalizantes e homogeneizantes das experiências, ressaltando o caráter de construção histórica, social e cultural. Atentamo-nos, em especial, aos efeitos de poder dos discursos ao instituir pretensa universalidade e naturalidade às experiências humanas, preocupando-nos com a linguagem como constitutiva do mundo.

Apresentadas as considerações iniciais, nas quais buscamos situar o contexto de produção da pesquisa e as ferramentas conceituais que são acionadas na investigação, anunciamos a organização deste artigo. A pesquisa e a tese dela decorrente buscaram analisar um conjunto de aspectos produzidos a partir das observações e vivências docentes com jovens estudantes, assim como das narrativas das/os jovens que

participaram do projeto ‘Juventude e Diversidade em Foco’. Para este artigo, selecionamos parte dos dados construídos. Assim, o artigo se organiza na seguinte composição: a primeira seção com as considerações iniciais; a segunda seção, que trata mais especificamente do projeto de extensão e dos filmes e séries enquanto artefatos por meio dos quais certas pedagogias de gênero e sexualidade funcionam; a terceira seção, apresentará um recorte das análises produzidas com as rodas de conversa do projeto, com foco nas questões do amor e da paixão enquanto experiências vividas na juventude, tomando um dos filmes do projeto como mote; por fim, teremos os nossos apontamentos finais, com vistas à concluir nossa argumentação.

O projeto ‘Juventude e Diversidade em Foco’: artefatos culturais constituindo sujeitos

“Eu acredito que esses artefatos ajudam a abrir o olho das pessoas, a elucidar, principalmente pra quem não entende a situação, pra quem não sofre, pra quem não vive; mostra, às vezes de uma forma muito emocional, pra pessoa refletir e pensar sobre tudo que acontece, por exemplo, um filme, algo cinematográfico, quando você termina de ver, você reflete. Por exemplo, eu, quando vejo uma coisa, me coloco muito no lugar do personagem, aconteça o que acontecer assim, uma música, por exemplo, acredito que eles ajudam na reflexão da pessoa.”
(Estudante do 2º ano do curso de Informática⁴).

Ao nos voltarmos para a processualidade da investigação referida na seção anterior, questionamo-nos sobre as potencialidades de estratégias metodológicas que possibilitariam acionar os artefatos culturais para pensar questões de gênero e sexualidade que atravessam a constituição das/os jovens estudantes que compuseram a pesquisa. Assim, considerando se tratar de uma instituição escolar da rede federal que organiza suas ações a partir do tripé ensino, pesquisa e extensão, foi construída e aprovada uma proposta voltada às/aos estudantes da instituição, mas aberta à participação de jovens não vinculadas/os à escola. O projeto ‘Juventudes e Diversidade em Foco’ teve como objetivo unir a pesquisa com as atividades de extensão, oportunizando conhecer produções ‘consumidas’ pelas/os estudantes e problematizar questões que perpassavam o enredo dos filmes e séries selecionados.

⁴ As narrativas das/os estudantes estarão apresentadas entre aspas, em itálico e com a informação sobre curso e ano do Ensino Médio.

O aluno cuja narrativa abre esta seção menciona um dos aspectos centrais do projeto: ajudar a “*abrir os olhos das pessoas*”, para “*refletir e pensar sobre tudo que acontece*”. Em especial, o estudante destaca o modo como os filmes e séries, entre outros artefatos, têm a potencialidade de mostrar coisas para “*quem não entende a situação, pra quem não sofre, pra quem não vive*”. A narrativa produzida pelo participante ajuda-nos a pensar que o projeto, em sua dupla função – como estratégia metodológica e ação extensionista – constrói modos de pensar questões relevantes à constituição das juventudes tomando como disparadores os artefatos que instigam os sujeitos a tomarem a si como objeto de pensamento.

Filmes e séries, assim como músicas, vídeos, revistas em quadrinhos, livros, programas de TV, sites e perfis de redes sociais, jogos on-line, entre outros artefatos, fazem parte do cotidiano das/os jovens participantes da pesquisa e as pedagogias desses artefatos adentram à escola, no fluxo entre a instituição e as vivências socioculturais extraescolares. Assim, configurou-se como um dos objetivos da referida pesquisa problematizar a constituição das identidades de jovens estudantes a partir das pedagogias culturais dos filmes e séries indicados por essas/es estudantes para o projeto.

Conforme destacamos nas considerações iniciais, o projeto de extensão teve o formato de rodas de conversa on-line, via plataforma *Google Meet*, conduzidas pela professora-pesquisadora. Com duração de uma hora cada, foram realizadas dez rodas de conversa, uma vez por semana, no período de novembro de 2020 a fevereiro de 2021. As discussões nos encontros foram organizadas a partir de filmes e séries indicados pelas/os jovens estudantes, a partir de um prévio levantamento realizado por meio de questionário disponível no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) durante o início do ano letivo de 2020. A partir das indicações, foram selecionados, com a ajuda de bolsistas do projeto – estudantes do Ensino Médio da instituição –, os artefatos que fossem interessantes para disparar discussões acerca de questões envolvendo gênero e sexualidade, tais como corpo, machismo, feminismos, assédio/violência, masculinidades, homossexualidades, homofobia, amor, paixão, juventudes, entre outros.

A organização das rodas de conversa contou com os seguintes filmes e séries: *Enola Holmes* (12/07/2020); *A barraca do beijo* (19/07/2020); *Anne with an E* (16/11/2020); *Grey’s Anatomy* (23/11/2020); *Felicidade por um fio* (23/11/2020); *À Procura da Felicidade* (30/11/2020); *O Mínimo para Viver* (14/12/2020); *Para todos os garotos que já amei* (11/01/2021); *Com amor, Simon* (25/01/2021); *Cobra Kai* (27/01/2021); *Skam* (03/02/2021); *Hoje eu quero voltar sozinho* (03/02/2021); *Coringa* (22/02/2021); *Mulher*

Maravilha (01/03/2021). Como não havia participantes fixos, havia a necessidade de construir materiais de divulgação das rodas de conversa, elaborados pela professora-pesquisadora ou pelas/os bolsistas do projeto e compartilhados nas redes sociais e pelo e-mail institucional das/os estudantes. Nessa ocasião, era divulgado antecipadamente o artefato a ser discutido naquela semana.

Como um movimento metodológico e de planejamento importante para o projeto, a professora-pesquisadora assistiu previamente a todos os artefatos indicados, buscando acompanhar, identificar e registrar situações, falas, cenas que pudessem figurar como disparadores de discussões acerca das relações de gênero e sexualidades na relação com as experiências das juventudes. Para cada roda de conversa foi elaborado um breve roteiro com pontos centrais que poderiam ser apresentados como mote para o debate, na forma de perguntas-chave que buscavam entremear elementos do filme ou série e elementos do cotidiano vivido pelas/os jovens, com foco nas questões de gênero e sexualidade, considerando a convivência prévia com a professora-pesquisadora. A mediação de cada roda de conversa era realizada também a partir das próprias narrativas das/os participantes, explorando-as na relação com o artefato cultural indicado para a conversa.

Considerando os interesses e o endereçamento (Ellsworth, 2001) dos filmes e séries aos sujeitos, mirando suas posições de sujeito e suas experiências sociais e culturais de geração, de gênero, de sexualidade entre outras, a participação das/os estudantes nas rodas de conversa era variável. Isso nos possibilita pensar nos desafios atrelados às escolhas metodológicas, tendo em vista que a divulgação do filme ou série que era tema de cada roda de conversa interpelava os sujeitos de distintos modos. Assim, houve ocasiões com a participação de quinze estudantes; outras, com cinco. Com isso não temos a intenção de relacionar ou condicionar o número de participantes à potencialidade do debate, mas retomar esse aspecto como um desafio da pesquisa.

Na tentativa de ampliar as possibilidades de interação entre as/os participantes, a professora-pesquisadora utilizou o aplicativo *padlet*, que se constitui como um tipo de ‘mural’ no qual cada jovem pode expor e compartilhar ideias, opiniões e experiências. O aplicativo, que pode ser utilizado de forma on-line ou off-line, possibilita ainda compartilhar imagens, frases, reportagens entre outros elementos relevantes para o debate. No contexto da pesquisa o *link* para acesso ao aplicativo foi divulgado e fornecido por e-mail e por meio das redes sociais on-line. A realização das rodas de conversa e a utilização do aplicativo *padlet* são desdobramentos das situações vividas no contexto escolar e nas conversas e interações cotidianas com as/os estudantes, intencionalmente

acompanhadas pela professora-pesquisadora, conforme mencionado nas considerações iniciais deste artigo.

Os artefatos culturais atravessam as experiências escolares, perpassam os conteúdos curriculares, materiais didáticos e práticas pedagógicas, as vivências intersubjetivas, as interações sociais, por meio dos afetos, dos ‘enamoraamentos’, das tensões e negociações próprias desse espaço-tempo institucional. Frequentemente, tais artefatos não são associados à escola e sua presença é ignorada ou apagada. No entanto, consideramos relevante reiterar as potencialidades dos artefatos para os processos de constituição dos sujeitos e os modos como as pedagogias culturais em ação por meio deles produzem efeitos sobre os sujeitos. O projeto de extensão demonstra essa ‘presença’ e essa ‘relevância’ ao convidar as/os estudantes a referenciar filmes e séries que costumam fazer parte de suas experiências extraescolares.

“Trazer filmes, séries e exemplos reais aproximam ainda mais o educador dos alunos, que podem se identificar com certas situações, ajudá-los a crescer individualmente e também refletir sobre coisas que podem ter passado despercebidas quando assistiram determinado filme pela primeira vez, trazendo uma análise mais profunda e os incentivando a aplicar bons exemplos assistidos na vida real. Abordar esses temas fazem as pessoas se sentirem vistas e se enxergarem em um ambiente que antes não pertencia a elas.” (Estudante do 1º ano do curso de Agroecologia).

A narrativa do estudante destaca as potencialidades dos filmes e séries (e poderíamos estender isso a outros artefatos culturais) para uma aproximação entre pedagogias escolares e culturais, a partir da ideia de que são modos distintos de estabelecer relações de aprendizagem com os artefatos, a depender do projeto educativo em questão. O acionamento dos filmes e séries na escola se insere no projeto educativo escolar com suas intencionalidades e estratégias próprias para intermediar as relações entre sujeitos e produtos audiovisuais. A experiência com os filmes e séries na escola possibilita contextualizar e enfatizar aspectos que, por vezes, escapam à experiência extraescolar, “*passando despercebidas*”, desse modo, “*trazendo uma análise mais profunda*”, como argumenta o estudante. A escola, portanto, pode colocar em questão as pedagogias culturais que se expressam por meio desses artefatos, tornando-as objeto de atenção e problematização no que tange aos efeitos delas sobre os sujeitos, aos modos de assujeitamento e às resistências que podem ser produzidas diante da ação incisiva dessas pedagogias sobre as/os jovens.

Sendo um dos objetivos da pesquisa e do projeto de extensão ‘Juventudes e Diversidade em Foco’ a problematização dos modos como jovens estudantes se constituem diante das pedagogias culturais das séries e filmes por elas/es indicados, acionamos um campo de estudos, vinculado aos estudos culturais em educação, que toma esse conceito como produtiva ferramenta de análises culturais sobre as relações entre artefatos da cultura e processos educativos. Paula Andrade e Marisa Costa (2015) argumentam que tal conceito se torna relevante à medida que insere o debate sobre pedagogia no âmbito de uma rede de significações relacionada com cultura, política e poder. Assim, como argumentam as autoras, o uso do conceito de pedagogias culturais possibilita intensificar o foco “sobre os modos como as relações de ensino e aprendizagem estão presentes e marcam múltiplas dimensões da vida.” (Andrade e Costa, 2015, p. 49).

A perspectiva de que a educação ocorre em uma variedade de locais, por meio de diferentes rituais sociais e artefatos da cultura, extrapolando, amplamente, o âmbito escolar, se alinha aos objetivos construídos para a pesquisa e para o projeto de extensão. Nosso argumento é que os processos educativos vividos na escola e fora dela, notadamente por meio dos filmes e das séries (entre outros produtos culturais) estão intimamente relacionados na constituição de experiências de gênero, sexualidade e juventude. Os sentidos atribuídos a essas experiências, de viver e estar no mundo enquanto sujeito jovem, sujeito de gênero e de sexualidade, são produzidos a partir dessas relações, possibilitando pensar na ampliação da noção de ‘lugares de aprendizagem’ (Andrade; Costa, 2017).

A ideia de aprendizagem associados ao uso do conceito de pedagogias culturais nos conduzem a pensar que os processos de constituição de sujeitos, ou seja, os processos de subjetivação ativamente envolvidos na produção das ações e pensamentos dos sujeitos e de modos de conduzi-los, são contínuos. Assim, pensar que processos educativos não se restringem ao tempo e ao espaço da escola é fundamental para analisar as formas de ser e de viver na contemporaneidade (Andrade; Costa, 2015), entendendo que a “existência de relações de ensino e aprendizagem em diferentes nichos sociais regulados pela cultura” pode ser problematizada como uma das “principais características do imperativo pedagógico contemporâneo” (Andrade; Costa, 2017, p. 05). Ao tomarmos as pedagogias dos artefatos culturais e seus efeitos sobre os sujeitos como objeto de análise, estabelecemos como foco a disseminação de saberes, valores, práticas e condutas que, por meio deles, estão associadas aos modos de experienciar as juventudes, atravessadas pelos modos de experienciar gênero e sexualidade. De acordo com Paula Andrade e

Marisa Costa (2015, p. 62) aí residiria a potência do conceito de pedagogias culturais: “evidenciar novos modos de ver e pensar a pedagogia para nos dizer sobre saberes, sobre outras experiências e diversificados processos que nos educam e nos fazem ser quem somos.”.

O projeto de extensão, em função do tempo disponível, da facilidade de acesso e da intensidade como as imagens e o audiovisual vêm povoando o cotidiano das pessoas, priorizou filmes e séries escolhidos pelas/os jovens. As pedagogias da composição de imagens, sons, narrativas e outras características próprias desses artefatos, podem ser acionadas para problematizar discursos e relações de poder que produzem subjetividades jovens. A interpelação das/os jovens pelas cenas, histórias e personagens nos conduzem a problematizar as negociações, os conflitos, os assujeitamentos e as resistências envolvidos na construção de si mesmas/os. Assim, o que vemos e a leitura que fazemos do que vemos está impregnado pelos vestígios das nossas histórias e culturas, ou seja, trazemos essas relações à tona quando acionamos nossas experiências para leitura das imagens, de modo que imagem e processos educativos estão articulados com esses modos de constituirmos.

Observamos com a realização do projeto de extensão que as/os estudantes reconhecem questões de gênero e sexualidade nos artefatos culturais e na escola e, ao mesmo tempo, reconhecem a existência de saberes institucionalizados envolvidos na produção do que é permitido ou liberado, envolvidos nas relações de poder e controle dos sujeitos na escola. Uma situação emblemática nos possibilita construir esse argumento. Após um dos dias de realização de um encontro do projeto, um dos jovens estudantes indicou para a professora-pesquisadora que assistisse a série ‘The Game of Thrones’. A produção, exibida entre 2011 e 2019, contabilizando oito temporadas e setenta e três episódios, foi adaptada da literatura juvenil, baseada na série de livros ‘As Crônicas de Gelo e Fogo’, do autor norte-americano George R. R. Martin. Ao fazer a indicação, o estudante justificou, dizendo que esse era um artefato cultural assistido por jovens. Porém, destacou que a série não poderia ser exibida na escola por ter ‘muitas cenas de sexo’ e outras tantas que tratavam das sexualidades das/os personagens.

A seleção e as recomendações para assistir os filmes e séries indicados no âmbito do projeto de extensão foi tensionada pelos saberes institucionais e sociais que preconizam o afastamento do ‘sexo’ (relação sexual) da escola e das/os jovens. Associando sexualidade e ‘sexo’, tal discursividade reduz o entendimento dessa dimensão constitutiva dos sujeitos a sentidos de ‘pecado’, ‘promiscuidade’, ‘imoralidade’,

‘indecência’, ‘imaturidade’, ‘precocidade’. Porém, como foi possível observar pela fala do estudante, o ‘sexo’ está na escola – porque faz parte da vida e acompanha os sujeitos escolares nas suas ideias, pensamentos e atitudes, nas relações estabelecidas com sujeitos, práticas e artefatos culturais, dentro e fora da escola. E, também, porque a sexualidade ‘faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’.’ (Louro, 2003, p. 81).

A seleção dos filmes e séries nos conduz, assim, a pensar as relações entre escola, juventude e sexualidade. Como observa Guacira Louro (2003), as tentativas de deixar a sexualidade ‘de fora’ da escola são inúmeras, perpassando a ideia de que a escola não teria ‘nenhum problema nessa área’ ou que caberia às famílias tratar desses assuntos. Poderíamos, talvez, argumentar que poderia haver receio em trazer para a escola uma abordagem dos artefatos culturais presentes no cotidiano das/os estudantes justamente porque eles acionam situações, imagens, personagens e narrativas que ‘presentificam’ a sexualidade. Ainda podemos nos remeter a um contexto histórico recente de constante vigilância, controle e ameaças às escolas e às/aos profissionais da educação que ‘ousam’ abordar discussões sobre gênero e sexualidade nesse contexto.

O projeto de extensão, desse modo, é uma forma de tornar presentes questões de gênero e sexualidade, distintamente dos modos como isso ocorre nas relações e práticas cotidianas: pautando-se em discussões conduzidas e mediadas pela professora-pesquisadora, em diálogo com o campo de estudos e pesquisas em gênero, sexualidade e educação. As intencionalidades do projeto configuram, assim, modos de abordar as relações entre juventudes, gênero e sexualidade alinhados com uma perspectiva problematizadora das pedagogias culturais e escolares que atuam na educação dos sujeitos.

Outra questão relevante a destacar, é que o projeto buscou contemplar distintos debates no âmbito dessas relações, partindo da aposta na multiplicidade de saberes e relações de poder envolvidos nas vivências dos gêneros e das sexualidades pelas/os jovens. Isso também foi um modo de problematizar a reiteração, pela escola, da heteronormatividade, entendendo que “a linguagem, as táticas de organização e de classificação, os distintos procedimentos das disciplinas escolares são, todos, campos de um exercício (desigual) de poder.” (Louro, 2003, p. 84) e que “currículos, regulamentos, instrumentos de avaliação e ordenamento dividem, hierarquizam, subordinam, legitimam ou desqualificam os sujeitos.” (*id.*, p. 85). Desde uma perspectiva de colocar sob suspeita pressupostos como a binaridade de gênero e a pretensa fixidez das identidades, buscando

discutir as lógicas subalternadoras e excludentes associadas à heterossexualidade enquanto valor cultural e modelo político de existência, o projeto de extensão não se limitou a indicar produções audiovisuais nas quais noções como ‘ser homem’, ‘ser mulher’, relacionamento amoroso, família, entre outros, reafirmassem modelos heteronormativos ou, ao menos, possibilitassem colocar em debate tais modelos enquanto normativos. Filmes e séries como ‘Enola Holmes’, ‘Anne with an E’, ‘Para todos os garotos que já amei’, ‘Com amor, Simon’ e ‘Hoje eu quero voltar sozinho’, indicados por participantes do projeto, constituíram mote para encontros com esses debates.

Na próxima seção, selecionamos uma das questões que perpassaram os encontros do projeto ‘Juventudes e Diversidade em Foco’: a questão do amor e da paixão como experiências da juventude.

Amor, paixão, juventude: processos educativos em atravessamento

O amor e a paixão, assim como a juventude, são experiências constituídas na cultura, em um determinado tempo histórico. Os discursos que instituem e tentam fixar seus significados se materializam e passam a ser vividos de forma diferenciada pelos distintos grupos sociais, considerando aspectos geracionais, religiosos, de gênero, de sexualidade, entre outros. Um imperativo contemporâneo parece associar a vivência do amor romântico e da paixão às ideias de felicidade e de realização, de modo que ser feliz envolve estar em um relacionamento. Além disso, tais vivências se organizam a partir de um regime heteronormativo, que condiciona o valor e a legitimidade das experiências amorosas à sua adequação aos pressupostos sexuais e políticos da heterossexualidade. Jurandir Costa (1998, p. 17) complementa que “amamos com sentimentos, mas também com razões e julgamentos”, isso nos conduz a pensar nas relações entre discursos e práticas de poder, no sentido de que as experiências com o amor são negociadas com o social e a cultura e que os significados dessas experiências são disputados, envolvendo o assujeitamento às normas e a produções de resistências.

As verdades sobre o amor e a paixão vão sendo produzidas e atuam na constituição dos sujeitos, estreitamente vinculadas ao contexto histórico no qual são inventadas e passam a existir como verdades. Na Antiguidade, havia um tipo de amor negociado, ou seja, o amor nomeado entre os casais estava atrelado, sobretudo, à constituição e à manutenção da família. Outras formas de amor eram consideradas como desonra, como o adultério. Já na tradição judaico-cristã, o amor maior se associava à existência de um deus a partir de um ideal de amor eterno e verdadeiro, tendo como referência a pureza, a

benevolência e a aceitação. O amor valorizado entre os sujeitos era o conjugal, fiel e indissociável e o amor-paixão era condenado, visto como desenfreado, profano e ilícito.

Como argumentam Leonardo Souza e Danielly Mezzari (2018), em diferentes culturas variam os elementos envolvidos nas vivências amorosas, tais como a ideia de fidelidade amorosa-sexual, as formas de conjugalidade, as práticas e as relações erótico-amorosas estabelecidas/acordadas entre os sujeitos. No entanto, nas culturas ocidentais de modo geral permanece uma perspectiva cristã, que, entre outras coisas, toma como ideal o amor romântico como envolvendo duas pessoas de gêneros diferentes, com fins de manutenção do casamento heterorreprodutivo e monogâmico.

O amor romântico emerge entre fim do século XVIII e início do século XIX, apostando nas ideias de compatibilidade e complementaridade entre o homem e a mulher, naturalmente parceiros românticos. Busca-se diferenciá-lo do amor-paixão, da ideia de ardor sexual, passando a um ideal de amor sublime, condicionando aspectos da sexualidade, do casamento, da castidade, da virgindade. (Minayo, Assis e Njaine, 2011). Assim, guardando as especificidades históricas, acompanhamentos marcas dessas ideias no contemporâneo, entendendo que o amor romântico “corresponde a um repertório de discursos, ações e rituais mediante os quais as emoções amorosas, observadas as devidas diferenças culturais, são evocadas, percebidas, transmitidas e intensificadas.” (Costa, 2005, p. 114).

Amor e paixão são elementos constitutivos da experiência da juventude. Assim como acionamos sentidos de multiplicidade para tal experiência, as vivências amorosas estarão vinculadas aos diferentes contextos, territórios, grupos sociais e culturais aos quais as/os jovens se conectam, além do entrecruzamento com elementos religiosos, de gênero e de sexualidade. Enquanto prática social, o amor tanto envolve o assujeitamento aos modelos ditos tradicionais de relacionamentos, como também envolve experiências de ruptura aos modelos instituídos. Transformações culturais recentes vêm, por exemplo, modificando tais modelos, pluralizando os modos de negociação com as normas, colocando em questão as trocas e concessões nas relações, e colocando sob suspeita arranjos amorosos, sentidos de monogamia e limites impostos às/aos jovens em função do gênero e da sexualidade com a qual se identificam. (Souza; Mezzari, 2018).

Tomando a argumentação construída até aqui não podemos deixar de considerar os modos como os artefatos culturais investem sobre os sujeitos ensinando sobre amor e paixão, produzindo regimes de visibilidade que tanto reiteram sentidos e práticas tradicionais associadas ao romantismo, quanto possibilitam anunciam outros modos de

experienciar tais elementos. Citando bell hooks, Leonardo Souza e Danielly Mezzari (2018) apregoam o amor enquanto prática, enquanto investimento em uma ‘vontade de amar’, uma ação, mais do que propriamente um sentimento, o que nos conduz a um olhar ‘atento’ para as construções discursivas que são ensinadas a partir dos artefatos culturais.

Os filmes e séries românticos, as propagandas – em especial as que circulam em ocasiões como o dia dos/as namorados/as – as novelas, as músicas, a literatura colocam em circulação imagens, falas, personagens, situações a partir das vivências de pares românticos, das paixões avassaladoras, do arrebatamento pelo amor e pela paixão, da idealização do amor pelas mulheres que esperam pelo ‘príncipe encantando’, das conquistas amorosas, do amor platônico, das juras amorosas, da felicidade, assim como dos fracassos e conflitos envolvendo ciúmes e desencontros. Em especial, ao considerarmos a proposta do projeto ‘Juventude e Diversidade em Foco’, voltamo-nos para o cinema como modo de produzir endereçamentos das narrativas aos sujeitos, como forma de retratar “o modo de ser e de viver de cada época”, carregando “as particularidades de cada contexto sócio-histórico e culturaOl”, sendo, portanto, “um palco potencial para as narrativas do amor”. (Sbrissa e Roso, 2018, p. 2).

Luciene Galvão-Viana e Isalena Santos Carvalho (2014, p. 191), discorrendo sobre as verdades nas produções cinematográficas, destacam “que o sujeito da enunciação cinematográfica se constitui no momento em que se assiste a um filme, tanto por suas resistências quanto por suas conformidades ao que é projetado na tela”. Desse modo, debater sobre amor e paixão foi uma necessidade que surgiu no campo da pesquisa, com a realização do projeto de extensão, a partir das séries e filmes indicados pelas/os estudantes e durante a roda de conversa realizada no dia 11 de novembro de 2021, com duração de 43 minutos e oito participantes presentes. Os temas amor e paixão surgem ainda da potência do espaço da experiência nas costuras da pesquisa, na tentativa de alinhar as incertezas e de se problematizar o amor como um dos processos culturais na constituição dos sujeitos e das juventudes. Trata-se de temas que também nos convidam a problematizar as questões de gênero e sexualidades e a manutenção das posições de sujeito de mulheres e homens, assim como as novas possibilidades de amor para além de um modelo heteronormativo, presentes nas falas das/os participantes e nos artefatos culturais indicados por elas/eles.

Para a discussão empreendida nesta seção, acionamos as narrativas produzidas pelas/os estudantes utilizando o app *padlet*, conforme explicitado anteriormente, assim como aquelas construídas com a discussão de uma roda de conversa que teve como

disparador o filme *Para todos os garotos que já amei* (2018). O filme é baseado na trilogia dos livros de romance da escritora norte-americana Jenny Han, direcionados para o público jovem. De acordo com a plataforma Netflix, a produção possuía, em 2021, cerca de 80 milhões de visualizações⁵. O filme conta a história da jovem coreano-americana, estudante do ensino médio, Lara Jean, que escreve cartas de amor endereçadas para os meninos que já amou, porém, nunca as envia, guardando-as numa caixa em seu quarto, em segredo. A personagem diz: “Minhas cartas são meu bem mais secreto. São cinco, no total... Kenny, do acampamento; Peter, da sétima série; Lucas, do baile escolar; John Ambrose, da ONU mirim; e Josh. Escrevo quando estou tão apaixonada que não sei o que fazer”. A jovem escreve as cartas como uma forma de catarse dos amores sentidos por ela em diferentes momentos, os quais não foram correspondidos.

O enredo se baseia nos desdobramentos da atitude da irmã mais nova de Lara Jean, que encontra a caixa contendo as cartas e decide enviá-las para os cinco garotos, sendo que alguns deles, ao recebê-las, procuram Lara Jean para conversar. A história do filme é típica de um enredo colegial de romance entre jovens, diferenciando-se de outras indicações no questionário respondido pelas/os discentes e que respalda a pesquisa, mas plenamente justificado:

“Sobre a indicação do filme nos questionários, tem-se que ‘acho que esse tipo de filme é bem bombado entre adolescentes exatamente por se tratar de personagens adolescentes’”. (Estudante do 2º ano do curso de Agroecologia).

“Acho que as pessoas gostam de se pôr no lugar das personagens, porque, querendo ou não, acho que muita pessoa sonha em ter seu amor verdadeiro, esse tipo de coisa.” (Estudante do 2º ano do curso Informática).

As estudantes demarcam dois aspectos que consideramos importante destacar em relação ao filme. O primeiro, se trata de uma produção que está “*bombando*” entre jovens, o que nos remete ao conceito de modos de endereçamento (Ellsworth, 2001): os filmes imaginam seus públicos; os filmes se perguntam e se organizam em torno da suposição de quem é o público, quais são suas características, que formas de identificação e, portanto, de interpelação, podem ser produzidas entre o filme e o/s espectador/a. O

⁵ Dados disponíveis em: <<https://www.papodecinema.com.br/especiais/saga-para-todos-os-garotos/#:~:text=Atingindo%20a%20marca%20de%2080,sucesso%20do%20gigante%20do%20streaming.>>>. Acesso em: 09 mai. 2024.

segundo aspecto, atrelado ao primeiro, diz justamente sobre quem é o público: jovens. “[...] por se tratar de personagens ‘adolescentes’”, como diz uma das estudantes, haveria aí uma identificação quase que imediata. Porém, a fala nos remete a alguns questionamentos: ao imaginar o público a quem a produção se endereça, quem é esse público? Mesmo que delimitemos o público jovem, de quais jovens se trata? Em se tratando de uma produção norte-americana, que elementos convocam jovens do interior de Minas Gerais no Brasil a se identificarem com os/as personagens e situações retratadas no filme? Podemos supor, com base na fala da segunda estudante, que um dos elementos interpelativos centrais, nesse caso, é a experiência com o amor: “[...] *querendo ou não, acho que muita pessoa sonha em ter seu amor verdadeiro.*”.

O argumento da estudante de se colocar no lugar das personagens nos remete aos processos de subjetivação pelos discursos de amor e paixão, inclusive pelo cinema e outros artefatos culturais, considerando as contrariedades e as pluralidades dos modos de ser das juventudes na contemporaneidade. Nas narrativas das/os discentes participantes, destacam-se a presença e a importância, em suas experiências, de um amor romântico ainda valorizado e sondado pelas/os jovens, inclusive para serem reconhecidas/os enquanto sujeitos em uma cultura/sociedade.

“O amor adolescente muda quem a gente é no momento em que ele acontece, podemos nos tornar mais maduros com uma possível decepção que ele causou ou podemos sempre ser gratos por ele morar em nossos corações.” (Estudante anônima/o⁶).

A fala da/o discente acima retrata o amor como processo constituinte do sujeito, como um fator imprescindível de ser vivenciado para que o sujeito jovem tenha uma experiência de si e seja reconhecido, nomeado. Em especial, destacamos o apelo a ideia de que o amor pode tornar alguém “*mais maduro*”, remetendo a uma ideia de busca pela maturidade como forma de superar aspectos da juventude, que costumam apreçoar a imaturidade como característica de pessoas jovens. Destacamos também a ideia de que o amor está associado a vivências específicas, como menciona um estudante do 2º ano do curso de Informática: “Eu ainda não posso falar muito disso porque não tenho experiência, nunca namorei”. Tais colocações se aproximam do que Foucault (2004, p. 287) coloca como modos de subjetivação, modos de se fazer sua experiência de si, os

⁶ Com a utilização do app *padlet*, havia a possibilidade de postagens anônimas, o que foi utilizado por participantes da pesquisa em alguns momentos.

quais podem ser compreendidos como “o conjunto de processos de subjetivação aos quais os indivíduos foram submetidos ou que executavam em relação a eles mesmos”.

Outra questão importante trazida nas falas de estudantes é a naturalização e a marcação do sofrimento como parte necessária e imposta aos sujeitos jovens no processo de se tornarem adultos. A fala de um estudante coincide com a do personagem do filme *Para todos os garotos que já amei*: “Meu coração está se partindo, mas continuo sorrindo”, ao salientar o papel cultural atribuído e imposto ao amor e do sofrimento na experiência da constituição do sujeito jovem. Isso nos faz pensar que as ideias de padecimento e sofrimento, associadas ao discurso do amor romântico, incidem sobre os sujeitos jovens.

Durante as discussões disparadas pelo filme, as/os jovens falaram sobre a paixão e o amor como uma necessidade humana, em contraponto com os rastros da sociedade moderna, marcada pela perda do coletivo e pela ênfase nas práticas culturais associadas ao privado e ao individualismo dos sujeitos, mostrando as movimentações culturais do amor. “O amor é, pois, ao mesmo tempo, obra do social e da singularidade; é tecido numa rede de significados que são contextuais, históricos, políticos e subjetivos. Ele movimenta o eu, os outros e a sociedade” (Sbrissa e Roso, 2018, p. 2).

O amor é inventado, nomeado, aprendido e valorizado a partir de determinado contexto e das interações e vinculações que se estabelecem entre os sujeitos, em uma teia de interesses que participam da constituição dos sujeitos e de como eles se posicionam na escola e na sociedade. Os modos de amar e de se apaixonar expressam, portanto, como os sujeitos se constituem e como são definidas e marcadas as identidades de ser jovem e/ou adulto em um dado momento da cultura. A própria escola e as juventudes também propiciam as experiências do amor e da paixão, seja pelos encontros/desencontros, seja pelas confissões e pelos processos de aceitação e rejeição.

Uma das contestações que marca a construção cultural e o lugar da paixão e do amor nos sujeitos foi a frequência com que as/os discentes nomearam a paixão como um sentimento juvenil e mais forte, marcando uma identidade de ser jovem semelhante à intensidade da paixão. Já o amor foi nomeado como um sentimento mais maduro e mais vivenciado, por conta disso, por adultos. As/os participantes também mencionam uma hierarquização dos sentimentos, sendo a paixão uma primeira etapa e, posteriormente, com mais experiência, vem o amor, conforme exemplificado nas falas a seguir:

“A paixão é intensa e momentânea, mais prazer. A juventude é muito mais marcada pela paixão.” (Estudante do 1º ano do curso de Eletrotécnica).

“Não tem nada mais especial que o amor da adolescência.” (Estudante anônima/o).

“Quando somos adolescentes, geralmente nós amamos com todo o nosso coração e isso faz com que, cada vez mais, essa experiência seja uma das mais marcantes que vamos vivenciar.” (Estudante anônima/o).

A hierarquização entre amor e paixão construída nas falas dialoga com o que Jurandir Costa (1998) discorre sobre o amor romântico para cuja existência, manutenção e sucesso destaca-se a importância do outro: “a singularidade do outro era importante, somente um, dentre tantos, seria capaz de fazer o outro feliz” (Costa, 1998, p. 6). As pedagogias culturais nos ensinam e mostram modos de ser dos sujeitos, inclusive nas formas de como ser homem e como ser mulher ou, ainda, como ter esses modelos como referências, inclusive nas relações que envolvem amor e paixão.

Considerações Finais

No decorrer das argumentações que compõem este artigo, buscamos ressaltar que as juventudes são experiências plurais, constituídas a partir de diferentes contextos, territorialidades, vínculos sociais e culturais. Destacamos que os atravessamentos com elementos relativos aos gêneros e sexualidades vão compor essas experiências na sua multiplicidade. O que nos possibilitou tal argumentação foi a realização de uma pesquisa com estudantes de turmas de Ensino Médio Integrado vinculadas/os a uma escola de educação profissional e tecnológica, situada na Zona da Mata mineira. Dentre as inúmeras possibilidades de acompanhar e problematizar modos de constituição de estudantes jovens, selecionaram-se duas experiências: a experiência escolar e a experiência com os artefatos culturais.

Considerando tratar-se de um artigo que se desdobra a partir de uma tese de doutorado, selecionamos, propositalmente, aspectos que nos possibilitassem discutir a experiência com os artefatos culturais, aqueles que, como produtores e disseminadores de pedagogias, atuam na constituição de sujeitos. Foi organizado e desenvolvido o projeto de extensão ‘Juventudes e Diversidade em Foco’, fazendo uma composição entre as demandas da pesquisa e as demandas extensionistas. A centralidade recai sobre a potencialidade de produtos audiovisuais na construção das vivências contemporâneas de

jovens estudantes; imagens, cenas, personagens, canções, falas, silêncios, situações apresentadas interpelam os sujeitos, convoca-os a olharem para si mesmos, a preencherem o espaço entre a tela e si mesmos com os discursos que constituem realidades.

Destacamos, desse modo, as potencialidades de operar com os artefatos culturais para a análise de múltiplos aspectos da experiência humana. Na escola ou a partir da escola, os filmes, séries e outros artefatos podem ser tomados como disseminadores de valores e saberes que vão construir, efetivamente, os modos de estar no mundo, as formas como lidamos com a diferença, o olhar que colocamos sobre os variados fenômenos da vida cotidiana. Em especial, os artefatos possibilitam fabular, inventar e com isso resistir a projetos sociais normativos, resistir aos processos de assujeitamento que limitam as formas como vivemos nossos gêneros e sexualidades, tornando-os experiências políticas, sociais, históricas.

Referências

ANDRADE, Paula Deporte; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação.

Textura, Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63, mai./ago. 2015. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/1501/1140>>.

Disponível em: 11 mai. 2024.

ANDRADE, Paula Deporte; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: Invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 01-23, 2017. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/edur/a/FTppyqQTJpM7YVWxWvmTj8S/?format=pdf&lang=pt>>. Disponível em: 11 mai. 2024.

COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernando; NASCIMENTO, Maria Lívia. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005.

Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arpb/v57n1/v57n1a02.pdf>>. Acesso em: 11 mai. 2024.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COSTA, Sérgio. Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. **Novos estudos CEBRAP**, n. 73, nov.2005. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/nec/a/sXdntPChgRhRBPDbvwRznWs/?lang=pt#>> . Acesso em: 11 mai. 2024.

CRUZ, Debora P.; SIQUEIRA, Jessica M.; NIEIRO, Nathálie S. B. “Meu querido amor: como as cartas podem revelar costumes de uma sociedade? Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2021. Disponível em: <

<https://www.blogs.unicamp.br/linguistica/2021/12/29/meu-querido-amor-como-as-cartas-podem-revelar-costumes-de-uma-sociedade/>>. Acesso:

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Org.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogos. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 101-134.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos** – nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 7-76.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V** – Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GALVÃO-VIANA, Luciene; CARVALHO, Isalena Santos. Gêneros inteligíveis em cena: o cinema e a produção de verdades sobre os corpos. *Athenea Digital*, Barcelona, v. 14, n. 2, p. 171-193, jul./2014. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/pub/athdig/athdig_a2014m7v14n2/athdig_a2014m7v14n2p171.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MINAYO, Maria Cecília S.; ASSIS, Simone G.; NJAINE, Kathie. (Orgs.). **Amor e violência**: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852.pdf>>. Acesso em: 11 mai. 2024.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338/11399>>. Acesso em: 11 mai. 2024.

SBRISSA, Luiza; ROSO, Adriane. Representações do Amor no Cinema: abrindo as “Medianeras” na era das conexões. **Athenea Digital**, Barcelona, v. 18, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://atheneadigital.net/article/view/v18-n2-sbrissa-roso/2033-pdf-pt>>. Acesso em: 11 mai. 2024.

SOUZA, Leonardo Lemos; MEZZARI, Danielly C. Souza. Experiências amorosas, gêneros e sexualidades na juventude contemporânea. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 52, p. 01-18, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2018.e56950>>. Acesso em: 11 mai. 2024.

Recebido em maio de 2024.

Aprovado em agosto de 2024.